

## **Convergências entre imprensa e literatura nas obras de Machado de Assis e Haroldo Maranhão<sup>1</sup>.**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luci Teixeira<sup>2</sup>

Universidade da Amazônia – PA

O Suplemento Literário do jornal *Folha do Norte* (1946-1951), de Belém do Pará, foi um instrumento de grande importância para o amadurecimento intelectual de toda uma geração de escritores paraenses que, por intermédio dessa publicação, entravam em contato com o que se produzia em termos de modernidade literária em outras regiões do país, tendo em vista que o suplemento abrigava a produção de renomados e de estreados autores, os quais se firmaram no panorama literário brasileiro, tendo seus textos publicados na capital paraense pelos esforços do escritor Haroldo Maranhão, cuja expressão literária brotava em harmonia com crítica empreendida pelo jornal, retomando a tradição dos escritores-críticos, que teve em Machado de Assis, por exemplo, uma personalidade exemplar.

Palavras-chave:

Jornalismo; Literatura; Crítica Literária

A intenção deste artigo é pontuar alguns aspectos de um suplemento literário produzido fora dos grandes centros urbanos, mas que sobejamente trouxe uma contribuição por demais valiosa, embora pouco conhecida.

A experiência teve seu epicentro na capital do Estado do Pará e deve sua existência ao escritor Haroldo Maranhão, cuja família era proprietária do jornal *Folha do Norte*. O jovem escritor e jornalista comandou um suplemento literário dinâmico e arrojado para os padrões culturais da cidade de Belém (1946 -1951), trazendo para o leitor paraense o que de mais moderno era produzido na literatura brasileira.

---

<sup>1</sup> Mesa Temática

Jornais e Revistas Brasileiras dos Séculos XIX e XX: Modos Jornalísticos e Literários de Expressão.

<sup>2</sup> Mestre e Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUCSP. Professora de jornalismo e de letras da Universidade da Amazônia. Autora do livro *Ecos da Memória: Machado de Assis em Haroldo Maranhão*.  
lucilind@uol.com.br

É importante ressaltar que o aparecimento dessa produção em um local distante dos centros urbanos de grande densidade intelectual não deixou de ser contemporâneo de iniciativas do mesmo porte ocorridas em grandes cidades e em jornais de grande influência política e cultural. Na obra *A imprensa em transição*, a historiadora Alzira Alves de Abreu enfoca de modo preciso a estrutura básica dos suplementos literários, padrão esse também seguido pelos escritores do Pará.

A estrutura editorial dos suplementos constituía-se de participações diferenciadas e de diversas seções ou rubricas. Uma delas era dedicada a apresentação dos novos lançamentos editoriais. Embora sofrendo mudanças constantes, em alguns jornais essa seção aparecia de forma irregular e em outras era permanente, assim como variava enormemente de denominação (Livros Novos, Livros na Estante, Livros na Mesa, Livros da Semana etc.), nas praticamente em todos os jornais tomava-se conhecimento dos livros publicados. A forma de apresentação podia ser a lesta simples, com título e autor, ou outra mais completa, em que se acrescentava o nome da editora e em alguns casos eram feitos comentários e críticas dos livros”<sup>3</sup>.

Para quem habita uma cidade provinciana em que o acesso aos bens culturais é geralmente difícil e dispendioso, o suplemento da Folha do Norte foi de extrema importância para o contato com os lançamentos e as críticas, cuja matriz estética e ideológica era o movimento modernista. A pesquisadora, Júlia Maués, na obra *A modernidade literária no Pará: os suplementos literários da Folha do Norte*, relata como se deu contexto no qual se encontravam os jovens literatos paraenses:

“Essa ebulição visível do espírito modernista estava em sintonia com a publicação dos Suplementos Literários nos principais jornais do país, ainda nessa década, quando Haroldo Maranhão criou, em 1946, O Suplemento Literário da ‘Folha do Norte’, no jornal local de mesmo nome, propriedade de sua família. E, em 1948, Haroldo juntamente com Mário Faustino e Benedito Nunes, fundaria a revista “Encontro”, cujo propósito definido, pelo seu título, segundo se pode depreender era a necessária expressão da criação artística<sup>4</sup>.

Maués angula ainda o ambiente e as inquietações pelas quais passavam o grupo então formado em torno do suplemento dominical:

O Suplemento Literário da Folha do Norte em Belém expunha o espírito de um grupo de intelectuais, poetas e jovens sonhadores, ávidos de conhecimento, não apenas restrito ao campo da literatura, mas exercendo o direito à pesquisa estética no campo da crítica de arte, nos moldes exercitados por Mário de Andrade. Especificamente, esse traço evidencia-se em textos originais da literatura e crítica brasileira, em traduções de autores estrangeiros diversos, em críticas de artes plásticas, pesquisas etnográficas e folclóricas, em matéria e artigos de divulgação do mercado editorial e trabalhos de ilustrações originais ou de reproduções de fotografias de quadros de artistas modernos,

---

<sup>3</sup> Alzira Alves de Abreu *et al.* *A imprensa em transição* (Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996), p. 10.

<sup>4</sup> Júlia Maués. *A modernidade literária no Pará: os suplementos literários da Folha do Norte*. (Belém: UNAMA, 2002), p. 16.

sem deixar de mostrar os bastidores dos embates dessas publicações, através de relatos das discussões acirradas entre os adeptos e não adeptos da arte modernista<sup>5</sup>.

A posição de Júlia Maués é de que o suplemento literário da *Folha do Norte*, sem dúvida, integrava-se ao conjunto de iniciativas similares que brotavam em todas as partes do país, dando voz e vez a intelectuais e deixando em alguns deles marcas profundas na formação de escritores como o crítico e professor universitário Benedito Nunes:

...mais moderno do que modernista, (este antiprovinciano tablóide dominical) instrumentou, difundindo tudo o eu de melhor e mais novo se fazia na literatura e na arte do país e do estrangeiro, o esforço de atualização que cada qual começara a empreender por conta própria. E golpeou o isolamento que ilhava a produção local.<sup>6</sup>

A marca mais forte deixada pro essa iniciativa foi a presença dos colaboradores, cuja lista encontram-se nomes como:

Mário Faustino e Benedito Nunes, Max Martins, Ruy Barata, com poesias, Álvaro Lins, Otto Carpeaux, Lúcia Miguel Pereira, Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet, Alceu de Amoroso Lima, Almeida Fischer, Paulo Rónai, Aurélio Buarque de Holanda, Roger Bastide e Wilson Martins, no âmbito da crítica.

Com artigos e poemas (inéditos às vezes), Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt, Emílio Moura, Mário Quintana e Joaquim Cardoso compartilhavam as páginas do encarte ao lado daqueles que emergiam como “novos”: Ledo Ivo, Bueno de Reviera, Alphonsus de Guimarães Filho, João Cabral de Melo Neto, Péricles Eugênio da Silva, Jorge Medauar, Aluizio Medeiros, Domingos Carvalho da Silva, Antonio Rangel Bandeira, entre outros.

O leitor, crítico e admirador da obra de Machado de Assis, Haroldo Maranhão, por certo sabia da relevância que o autor de *Dom Casmurro* atribuía ao jornal. Uma dessas manifestações aconteceu, por intermédio de um artigo na revista *O Espelho* (23/10/1859), texto no qual fica patente a opinião de Machado a favor do debate nas páginas da imprensa diária. A justificativa era o fato de que por esse veículo haveria um derramamento fácil das idéias “em todos os membros do corpo social”.

O suplemento dirigido pelo escritor paraense oxigenou o ambiente literário paraense trazendo, entre outros debates, a polêmica com relação aos poemas lavrados pela geração de 45, os quais se contrapunham a alguns experimentos dos poetas da geração de 22. Maués assim define o panorama nos anos 40:

---

<sup>5</sup> Júlia Maués. *A modernidade literária no Pará: os suplementos literários da Folha do Norte*. (Belém: UNAMA, 2002), p. 24.

<sup>6</sup> Benedito Nunes *apud* Júlia Maués. *A modernidade literária no Pará: os suplementos literários da Folha do Norte*. (Belém: UNAMA, 2002), p. 29.

A década de 40 para Haroldo Maranhão era marcada pela “grande expectativa de renovação”. Apontava a tendência da literatura para um amadurecimento que se registrava, acima de tudo, por uma vertente de reflexão que se processava dentro da literatura, na própria estrutura dos gêneros que tematizam o trabalho consciente de crítica interna para o qual a literatura que se publicava nos jornais colaborava sobremaneira. A renovação, para ele, se fazia sentir principalmente na ficção narrativa, na qual a técnica ia adquirindo um sentido novo. O conto, por exemplo, era agora mais psicológico e menos objetivo. Tratava-se de uma conquista da geração daquele ano sobre a geração de Mario de Andrade. A poesia de outro lado, não era a mesma, informe e caricatural de 22 nem a outra que sucedeu os exageros da revolução, adquirindo sua definida estrutura e a sua caracterização histórica.<sup>7</sup>

Um outro aspecto que não deve deixar de ser mencionado é a intercomplementação que havia entre imprensa e literatura, sendo bastante rico o material literário dentro e fora o âmbito dos suplementos. Uma realidade bem diferente daquela a qual se passou a encontrar nas páginas da imprensa a partir da década de 60, quando a indústria cultural passou hegemonizar e ditar padrões de comportamento, incluindo-se aí os meios de comunicação. Passa-se da crítica à resenha, como bem situa José Marques de Melo:

A mudança ocorre não apenas na forma - a substituição da crítica pela resenha - mas também no conteúdo - o que se analisa não são mais as obras-de-arte (...) e sim os novos produtos da indústria cultural (bens destinados ao consumo de grandes contingentes e por isso obedecendo às leis da produção em escala).

O projeto do suplemento tinha como fundamento a boa crítica, uma atitude pedagógica e um compromisso em ampliar repertório do público leitor de modo fazê-lo despertar para a produção mais sofisticada e até mesmo de vanguarda.

Praticamente um século separa as opiniões de Machado de Assis da iniciativa paraense. Uni-as o propósito de ter o suporte de linguagem jornal a serviço da cultura e da elevação do padrão cultural médio, intento esse que ainda sobrevive em alguns suplementos literários da chamada grande imprensa nacional. Porém cada vez mais fechados às figuras preeminentes do mundo da mídia ou da vida acadêmica, sem nenhum ímpeto vanguardista nem no plano do conteúdo e muito menos na circunscrição da forma, esta praticamente esquecida desde a experiência do suplemento literário do *Jornal de Brasil*, na década de 50 que, entre outras coisas, abrigou o movimento concretista.

---

<sup>7 7</sup> Júlia Maués. *A modernidade literária no Pará: os suplementos literários da Folha do Norte*. (Belém: UNAMA, 2002), pp. 70-71.

## Referências

ABREU, Alzira Alves de. *A imprensa em transição*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FERREIRA JUNIOR, José. *Capas de jornal*. São Paulo: SENAC-SP, 1993.

MAUÉS, Júlia. *A modernidade literária no estado do Pará: os suplementos literários da Folha do Norte*. Belém: UNAMA, 2002.

MELO, José Marques de. *Jornalismo Opinativo*. 3ª. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003